

**DEBRET:  
ANÁLISES E DISCURSOS SOBRE A POPULAÇÃO NEGRA  
NO RIO DE JANEIRO OITOCENTISTA**

*Cristina da Conceição Silva* (UNIGRANRIO)  
[cristinavento24@yahoo.com.br](mailto:cristinavento24@yahoo.com.br)

*José Geraldo Rocha* (UNIGRANRIO)  
[rochageraldo@hotmail.com](mailto:rochageraldo@hotmail.com)

**1. Introdução**

Grande parte das nações foi formada por um processo violento de conquista de diferentes povos, de diversas classes sociais, assim como diversas etnias e gêneros.

A raça não é uma categoria biológica e sim discursiva que abrange o jeito de falar, práticas sociais, características físicas, dentre outras peculiaridades. Assim anota Stuart Hall (2005)

Então este artigo visa tratar dos aspectos sociais e culturais que envolvem feições identitária dos negros no Rio de Janeiro do século XIX, sendo estes vindos de diversas nações africanas, para serem utilizados como mão de obra na manutenção da cidade e das elites que nela habitavam. Esses negros ao chegarem à cidade eram geralmente identificados por local de nascimento e por codinomes que diferenciavam os negros nascidos em solo brasileiro dos negros nascidos em nações africanas, como também pela tez de sua pele.

O advento da corte portuguesa na cidade do Rio de Janeiro promoveu a chegada da Missão Artística Francesa, que teve em sua comitiva o pintor francês Jean Baptiste Debret, que através de suas pranchas traçou identidades para os negros que na cidade viviam. O artista também apresentou em suas pinturas o cotidiano dos negros na cidade carioca nos momentos de trabalho ou mesmo sendo açoitados e vigiados pela Polícia da Intendência da corte portuguesa. Ao finalizarmos o artigo abordaremos a visão crítica do pintor acerca da figura do escravo na sociedade carioca.

Para o desenvolvimento deste artigo contamos com as contribuições dos autores Naves (1996), Moura (1995), Karasch (2000), Florentino (2005), Hall (2005) Pereira (2007), Honorato (2008) e Freitas (2009). As literaturas dos referidos autores nos levarão a refletir acerca

dos aspectos sociais e culturais que abrangem a história do negro na sociedade carioca, em um Rio de Janeiro oitocentista. Compreendemos também, que o conteúdo deste artigo, nos levará a sistematizar uma discussão em torno dos estudos que envolvem as temáticas que abarcam a Lei 10639/03.

## **2. Desenvolvimento**

### **2.1. Nações africanas como mecanismo de identificação entre grupos étnicos**

O Rio de Janeiro se torna um importante porto negreiro a partir do século XVIII, quando cerca de dois milhões de negros ancoraram na cidade, principalmente a partir da segunda metade do referido século. Nesse período o tráfico negreiro trouxe para cidade, sobretudo, negros oriundos da costa de Angola, Daomé e Costa da Mina, em virtude da necessidade da mão-de-obra escrava. (MOURA, 1995).

Como observa Karasch (2000) existiam pelo menos no Rio oitocentistas sete principais nações africanas, bem como várias menos importantes. As mais significantes eram Mina, Cabinda, Congo, Angola (ou Loande), Cacánje (ou Angola), Benguela e Moçambique. As menos abundantes, muitas incorporadas às nações principais, eram Gabão, Anjico, Monjola, Moange, Rebola (Libolo), Cajenje, Calundá (Bundo) Quilimane, Inhamban, Mucena e Monbaça. Estes termos ambíguos, que a princípio significam portos de exportação ou vasta região geográfica, dirigem atenção para a África Oriental e especialmente para o centro oeste africano, possivelmente tiveram a maioria dos africanos que vieram para do Rio de Janeiro.

Os escravos de origem africana somavam um número expressivo da população escrava do Rio de Janeiro nas primeiras décadas oitocentistas. Neste período os escravos são divididos de acordo com o local de nascimento: África ou Brasil. Os brasileiros são classificados por cor (pardo, crioulo, mulato, cabra etc.) enquanto os africanos todos considerados negros distinguem por local de origem (Angola, Moçambique, Mina etc.). (FREITAS, 2009).

Relata ainda Freitas (2009) que o uso constante das chamadas nações é utilizado como mecanismo de identificação para os africanos traficados na organização dos grupos da América. O modelo de identificação adotado redefine o limite entre grupos étnicos, através da formação

de unidade inclusiva, que faz surgir esferas de solidariedade entre diferentes grupos. Assim as nações servem como menção para estabelecer novas identidades para a população negra vinda de diversos países do continente africano.

A variedade de termos usado para designar indivíduos africanos e seus descendentes nunca possuiu significado fixo único. Mulato, negro, preto, pardo e mestiço foram usados em diferentes momentos com distintas conotações. Até inícios do período moderno o termo negro ou seu equivalente não eram usados para identificar uma raça específica, não remetendo a ancestralidade ou etnicidade, mas sim para simples descrição da cor ou aparência percebida, observa Freitas (2009).

O tráfico de escravos de diversos portos, trouxe para o Rio de Janeiro um grande número de escravos de diferentes matizes de cores, o que resultou na tendência de se registrar os escravos através do aspecto cor da tez, para identificação individual e não com base na ancestralidade. O mesmo termo é usado para diversos tipos de escravos, logo a definição das identidades em virtude da cor da pele foi o recurso utilizado pelo tráfico de escravos. Cf. Forbes (1993) *apud* Freitas (2009)

Durante todo período colonial, segundo Freitas (2009), foram utilizadas grande variedade de codinomes para designar pessoas não brancas e não índios (como pardos, mulatos, crioulos, cafuzos, cabras, bodes, pretos, africanos, curibocas, forros e libertos). E nas últimas décadas do século XVIII já era bastante usual a associação entre a cor negra da pele à escravidão. Insuficiente para delimitar a efetiva distinção social, o registro da cor da pele precisava ser reforçado por informações da linguagem visual das hierarquias e das representações sociais.

As informações serviam também para apontar os diferentes tipos de negros, seus usos e costumes, atribuindo-se às tatuagens, pinturas, adornos e fisionomia, valores simbólicos distintos. No século XIX a nação de raça e de desigualdade, entre elas, cada vez mais toma forma no pensamento científico.

As diferenças de cor e características físicas reforçam as marcas hierárquicas nas sociedades escravocratas, mas não eram necessárias para justificar a escravidão, fundada então no estatuto da pureza do sangue. Mesmo a pureza de sangue não serviu, no entanto, para definição de raça de forma homogênea ao longo dos séculos de colonização. O uso confuso de diferentes divisões raciais, para identificar indivíduos de ancestra-

lidades variadas, estabelece um status legal para estes setores de população e distinção o que estavam na base da hierarquia social.

## 2.2. Identidades étnicas representadas através das pinturas fisionômicas

Declara Freitas (2009) que a inquietação relativa à diversidade racial esteve no início do século XIX marcada por preocupação de ordem eminentemente física, relacionadas à moral e aos costumes. O olhar científico demarcou um fragmento do corpo, da cabeça e sobre ele lançou-se com ferocidade na tentativa de estabelecer afinidades e diferenças; o que foi definido pelas imagens fisionômicas representadas nas pranchas de Debret<sup>92</sup> e outros pintores. Estes pintores fazem de suas representações uma fusão da tipologia das figuras por sua fisionomia e marcas culturais embasando a interpretação da diversidade cultural. A gramática visual destes artistas marca o contraste entre os diferentes tipos de negro, seus grupos sociais, abarcando características anatômicas, cor de pele, tatuagens, pertencimentos, estilos de cabelo, adereços e deformações físicas. Tais aspectos eram considerados pelos artistas como marca de definição de papel social e pertença geográfica étnica da população negra representada em suas pranchas. A gramática visual das pinturas de Debret estabelece uma verdadeira linguagem iconográfica, que tinha por finalidade acentuar traços identitários e exaltar a enorme diversidade entre escravos africanos. Essa iconografia buscou evidenciar a tipologia dos negros por meio de aspectos culturais e fisionomia dos grupos étnicos que habitavam na cidade do Rio de Janeiro através de suas pinturas, dentre elas: “Escravos negros de diferentes nações” (**Fig. 1**)<sup>93</sup> e “Cabeças de negros de diferentes nações”. (**Fig. 2**)<sup>94</sup>

---

<sup>92</sup> Jean Baptiste Debret (1768-1848), chamado de alma da missão francesa, foi professor na academia de Belas Artes, organizou a primeira exposição de artes do Brasil em 1829, retratou e descreveu a sociedade brasileira. Cf. <<http://pt.wikipedia.org>>. Acesso em: 02/01/2012

<sup>93</sup> *Esclaves Nègres de Differentes Nations – Jean Baptiste Debret-Voyage pittoresque et historique au Brésil.* (<http://pt.wikipedia.org> acesso em 02/01/2012). A prancha intitulada “escravos negros de diferentes nações” é composta por 16 bustos femininos, de forma a evidenciar rostos, penteados, adornos e a parte superior de suas vestes. Tais características permitem o pintor identificar a que tipo de família pertence, sua posição na família e sua origem de nação.

<sup>94</sup> *Differentes Nations Nègres– Jean Baptiste Debret-Voyage pittoresque et historique au Brésil* (<http://pt.wikipedia.org> acesso em 02/01/2012). A prancha intitulada *cabeças de negros de diferentes*



**Fig. 1:** *Esclaves Nègres de Differentes Nations* – Jean Baptiste Debret - *Voyage pittoresque et historique au Brésil* (<http://pt.wikipedia.org> acesso em 02/01/2012). A prancha intitulada “escravos negros de diferentes nações” figura 01 é composta por 16 bustos femininos, de forma a evidenciar rostos, penteados, adornos e a parte superior de suas vestes. Tais características permitem o pintor identificar a que tipo de família pertence, sua posição na família e sua origem de nação.



1. Monjolo; 2. Mina; 3, 4, 8, 9. Moçambique; 5, 6. Benguela; 7. Calava

**Fig. 2:** *Differentes Nations Nègres*– Jean Baptiste Debret-*Voyage pittoresque et historique au Brésil* (<http://pt.wikipedia.org> acesso em 02/01/2012). A prancha intitulada “Cabeças de negros de diferentes nações” – figura 02 é composta por 09 bustos masculinos, de forma a evidenciar penteados, escarificações e tatuagens. Tais características permitem o pintor identificar a que grupo étnico pertence e a categoria de serviço que pertencem.

---

nações é composta por 09 bustos masculinos, de forma a evidenciar penteados, escarificações e tatuagens. Tais características permitem ao pintor identificar a que grupo étnico e a que categoria de serviço pertencem.

A preocupação em definir etnia e caracteres, suas diferenças e similaridades entre as várias nações, deixa de ser central. Ela leva o artista a arquitetar tipos genéricos destinados a compor suas cenas, dando vida e movimento à cidade e seus arredores através de suas pranchas e pincéis. Desse modo o olhar, volta-se então para identidades coletivas associadas, não mais aos traços raciais, porém às ocupações, vestimentas, hábitos e linguagens que emergem nas ruas da cidade.

Alguns pintores, ainda que participassem de diferentes missões artísticas, apresentam, em seus trabalhos, olhares que partilham influências de uma mesma época sobre um objeto comum; o negro, sua contribuição à formação do Brasil e sua civilidade, identifica Freitas (2009).

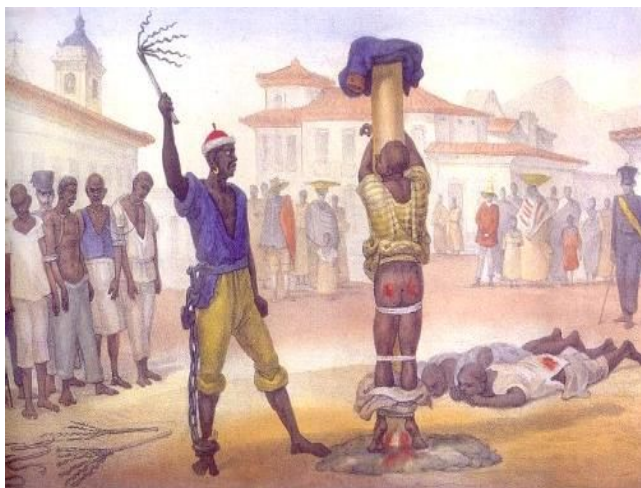
### **2.3. As imagens que contam História afro-carioca**

A população negra do Rio de Janeiro cresceu muito, nela encontravam-se os negros livres e os ainda escravizados, por isso a elite se apresentou preocupada, com a manutenção da ordem pública em uma cidade negra, declaram Karasch (2000) e Florentino (2005).

Quando a corte portuguesa se transfere para o Rio de Janeiro, é transferida para a cidade a sede da monarquia. Isso culminou na chegada de seus administradores e mais quinze mil estrangeiros. Os membros da corte e a população que os acompanhavam foram recebidos na cidade com ruidosos entusiasmos pela população que vivia no Rio de Janeiro. A partir de então, como declara Medeiros (2007), a cidade começa a sofrer várias transformações que irão proporcionar à classe dominante uma melhor condição de vida, que será viabilizada com a vinda, cada vez mais intensa de escravos novos. A corte preocupada com ausências de arte e cultura na cidade, convida um grupo de artistas franceses, que recebe a denominação de Missão Artística Francesa.

No período em questão ocorrem também medidas enérgicas exercidas pela Intendência da Polícia, que funcionava como uma Prefeitura dos tempos atuais. A cidade apresentava em seu histórico, nesta ocasião, diversos registros de falta de segurança. Aos olhos das elites, a desordem muitas vezes nas ruas era provocada por aqueles que se encontravam excluídos. O grupo que era visto como uma subpopulação era composto por negros, pardos, escravos ou forros eles amedrontavam as elites e visitantes da cidade com sua capoeira, navalhas e facas. Neste sentido, o recurso encontrado para o problema foi os meios brutais da escravidão, para pre-

servar a ordem e a civilidade. Tais brutalidades e controles da Intendência da Polícia são possíveis observar através das pranchas de Debret, e outros artistas. Nas pinturas dos artistas percebe-se que além da grande presença de negros açoitados por feitores e na função de escravo, é possível também identificar as presenças constantes de militares da guarda real nas cenas. Essas imagens que apresentam interações entre policiais, pescadores, comerciantes, mulheres e escravos, se manifestam em pranchas como: “Aplicação de castigo” (Fig. 3), “Refresco no Largo do Palácio” (Fig. 4), “Loja de Rapé” (Fig. 5) dentre outras do pintor Debret e também de outros artistas. As figuras produzidas por estes artistas nos convidam a observar a participação da uma realidade histórica brasileira, no que se refere à manutenção da ordem estabelecida pela elite. Divulga Honorato (2008).



**Fig. 3: DEBRET- Aplicação de castigo** (<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle>)

Debret retrata o cotidiano do negro de forma real, onde o tratamento, formas de trabalho e até mesmo o controle policial se faziam presentes em suas representações artísticas. O pintor considerava os negros como grandes crianças, indolentes, preguiçosos e incapazes de refletir, comparar e concluir frente a uma situação que requeresse estes adjetivos, logo merecedores de tratamentos indignos. O artista também entendia que o sistema escravista brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro, como um princípio humanitário, uma vez que os negros tinham direito ao batismo nas igrejas católicas. Embora o artista não negue os maus-tratos

e a exploração do trabalho escravo, concebia a figura do negro como inferior à dos brancos, logo os negros na visão de Debret eram carentes da tutela civilizatória dos seus senhores, fato que torna aceitável a condição escrava, aponta Freitas (2009).



**Fig. 4: DEBRET- Refresco no Largo do Palácio**  
(<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle>)



**Fig. 5: DEBRET- Loja de Rapé** (<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle>)

### 3. *Considerações finais*

As contribuições das literaturas utilizadas neste artigo nos remetem ao Rio de Janeiro oitocentista, que foi um período marcado pela chegada de milhões de negros escravos, vindos de diversos países do continente africano para servir a elite residente na cidade, e também as resi-



dentes no interior do Estado. Nesse período a cidade recebe a família real, seus acompanhantes e mais *A Missão Artística Francesa* que traz para a cidade o pintor Jean Baptiste Debret. Os adventos em pauta nos mostram o quanto à figura do negro foi dominada por estas elites, que os tratavam por distintas alcunhas, tais configurações empregadas aos negros, era uma forma de traçar a identidade desse grupo marginalizado socialmente e culturalmente.

Neste sentido observamos que a gramática visual de Debret tem como finalidade traçar os aspectos sociais, culturais e científicos que abarcam o cotidiano dos negros na cidade do Rio de Janeiro, pois em suas pranchas a diversidade e condição social dos negros são evidenciadas. As demonstrações do pintor em suas estampas, quanto à identidade deste grupo étnico, bem como seu discurso acerca dos mesmos, nos mostra a visão de Debret acerca dos negros na cidade carioca. Assim sendo entendemos que estas abordagens são de suma importância para estudos acadêmicos que visam tratar da história das questões étnicas raciais no Rio de Janeiro, bem como contribuir para os aspectos que compreendem a implementação da Lei 10639/03 que ampara estudos desta natureza.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLORENTINO, Manolo Garcia. *Tráfico, cativo e liberdade*. Rio de Janeiro, século XVIII-XIX. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREITAS, Iohana Brito de. *Cores e olhares no Brasil Oitocentista*. Niterói: Dissertação de Mestrado Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia Pós-Graduação em História Social, 2009.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A 2001.

KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 2000.

MEDEIROS, Júlio César da Silva Pereira. *A flor da terra: O cemitério dos pretos novos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Coleção Biblioteca Carioca, 1995.